

FUNDAÇÃO SÃO MIGUEL ARCANJO
FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

WALLECE JOSÉ SILVA LIMA

**A ANTÍTESE ETERNA:
ANÁLISE DO MATERIALISMO DIALÉTICO SEGUNDO MÁRIO FERREIRA DOS
SANTOS**

ANÁPOLIS

2015

WALLECE JOSÉ SILVA LIMA

**A ANTÍTESE ETERNA:
ANÁLISE DO MATERIALISMO DIALÉTICO SEGUNDO MÁRIO FERREIRA DOS
SANTOS**

Monografia para a obtenção do diploma de graduação no curso de Licenciatura em Filosofia, da Faculdade Católica de Anápolis (FCA).

Orientador: Pe. Ms. João Batista de Almeida Prado Ferraz Costa

ANÁPOLIS

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

WALLECE JOSÉ SILVA LIMA

A antítese eterna: Análise do materialismo dialético segundo Mário Ferreira dos Santos

Monografia para obtenção do diploma de graduação no curso de Licenciatura em Filosofia, da Faculdade Católica de Anápolis (FCA), apresentado em 15 de junho de 2015 e aprovado com nota: 10,0.

BANCA EXAMINADORA

1. _____
Prof. Ms. Pe. João Batista de Almeida Prado Ferraz Costa (Orientador / FCA)
2. _____
Profa. Ms. Patrícia Sheyla Bagot de Almeida (Membro / FCA)
3. _____
Prof. Esp. Ednaldo Maximiano da Silva (Membro / FCA)

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio ao longo de todo curso.

À Letícia pelo carinho e incentivo.

Ao orientador pelo incentivo e dedicação.

RESUMO

LIMA, Wallece José Silva. *A antítese eterna: Análise do materialismo dialético segundo Mário Ferreira dos Santos*. Trabalho de Conclusão Curso de Licenciatura em Filosofia- Faculdade Católica de Anápolis (FCA), Anápolis, 2015.

Este trabalho visa a esclarecer o conceito marxista de Materialismo Dialético, bem como analisar a possibilidade ou impossibilidade filosófica de tal conceito, segundo o pensamento do filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos. A análise proposta terá como método a abordagem histórica do conceito de dialética ao longo da história da filosofia, explanando a proposta dialética materialista à luz do desenvolvimento histórico do termo, além do método lógico-dialético aristotélico e escolástico, que fundamenta a investigação realizada por Ferreira dos Santos acerca do referido conceito.

Palavras-chave: Mário Ferreira dos Santos, Materialismo Dialético, Karl Marx.

ABSTRACT

LIMA, Wallece José Silva. *The eternal antithesis: Analysis of dialectical materialism as Mário Ferreira dos Santos*. Course Conclusion Monograph of graduation in Philosophy- Catholic College Anápolis (FCA), Anápolis, 2015.

This paper aims to shed light on the marxist concept of Dialectical Materialism, while analyzing the philosophical possibilities of it according to the ideas of brazilian philosopher Mário Ferreira dos Santos. The proposed analysis will have as its method the historical approach of the idea os Dialectics throughout the History os Philosophy, illustrating the proposal of Dialectical Materialism in relation to the historical background of the term, including the Aristotelian dialectical and the scholastic methods, wich give foundation to the ponderation made by Ferreira dos Santos concerning the referred concept.

Keywords: Mário Ferreira dos Santos, Dialectical Materialism, Karl Marx.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1.....	7
1.1 MÁRIO [DIAS] FERREIRA DOS SANTOS: VIDA E OBRA.....	7
1.1.1 Dados biográficos.....	7
1.1.2 A Filosofia Concreta e a Dialética Concreta e Ontológica de Mário Ferreira dos Santos.....	10
CAPÍTULO 2.....	16
2.1 OS ELEMENTOS ESTRUTURANTES DO PENSAMENTO MARXISTA E A NOVIDADE DO MARXISMO.....	16
CAPÍTULO 3.....	20
3.1 O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE DIALÉTICA.....	20
3.2 DE ZENÃO A HERÁCLITO.....	21
3.3 DOS SOFISTAS A ARISTÓTELES.....	22
3.4 DA IDADE MÉDIA AO RENASCIMENTO.....	24
3.5 DE KANT A HEGEL.....	26
3.6 O MATERIALISMO DIALÉTICO DE KARL MARX.....	30
CAPÍTULO 4.....	36
4.1 LINHAS GERAIS.....	36
4.2 ANÁLISE DO MATERIALISMO DIALÉTICO.....	37
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

INTRODUÇÃO

O tema a ser tratado no presente trabalho será o conceito marxista de materialismo dialético. A presente monografia visa a esclarecer o conceito marxista de dialética, como este conceito fundamenta a filosofia marxista e se a proposta do materialismo dialético é ou não de fato uma possibilidade filosófica, nos termos dados pelo marxismo. Para desenvolver a análise proposta, este trabalho se baseará nas considerações acerca do marxismo feitas pelo filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos, autor de importantes contribuições no campo da investigação dialética e metafísica.

No primeiro capítulo, além de uma breve introdução ao assunto, será abordada a vida e o pensamento de Mário Ferreira dos Santos, apresentando suas principais obras e expondo seu pensamento filosófico. O segundo capítulo aprofundará o tema proposto, demonstrando a importância da dialética como elemento essencial do pensamento marxista, distinguindo-a dos elementos acidentais do marxismo. O terceiro capítulo se ocupará das diversas concepções de dialética ao longo da história da filosofia, expondo, no final, a dialética tal qual é entendida por Marx e Engels. O quarto capítulo será dedicado à análise do tema do materialismo dialético segundo a metodologia lógico-dialética aristotélica, tal como propõe Mário Ferreira dos Santos.

De modo geral, o objetivo deste trabalho é trazer a obra de Mário Ferreira dos Santos à discussão acadêmica, ambiente em que ainda há escassas pesquisas sobre este filósofo. De modo particular, o objetivo do presente trabalho é responder, à luz da filosofia aristotélica e escolástica de Ferreira dos Santos, se o marxismo, tendo como base o materialismo dialético, é ou não uma possibilidade filosófica.

A importância deste tema para o meio acadêmico está no fato de que, embora Mário Ferreira dos Santos seja um autor ainda pouco conhecido no Brasil, sua obra possui grande valor filosófico reconhecido em países europeus como a Itália e Espanha, além de ser estudado por importantes pensadores como o padre lituano Stanislavs Ladusāns e o jornalista e filósofo Olavo de Carvalho, e suas ideias podem acalorar o debate científico na área filosófica. Para as ciências humanas, o legado deste filósofo também pode ser de grande valor, dadas as suas análises históricas e sociológicas que permeiam e por vezes fundamentam suas análises

metafísicas. Para a comunidade em geral, a importância do presente trabalho se dá pelo fato de que o pensamento de Marx e Engels é uma das propostas políticas que mais ganham adeptos nos meios intelectuais e sociais não só no Brasil, mas em toda a América Latina, sendo o motor de grandes revoluções sociais, base teórica de quase todos os partidos que ocupam hoje as presidências e governos dos países latino-americanos como Brasil, Venezuela, Cuba, Uruguai, Bolívia, Argentina e Chile além de gerar organizações políticas e movimentos internacionais como o bolivarianismo, o movimento Pátria Grande e o Foro de São Paulo, que têm como finalidade a unificação dos governos socialistas da América do Sul e cujos adeptos, membros e fundadores são importantes chefes de nações socialistas do continente.

A metodologia utilizada será pesquisa bibliográfica, utilizando o acervo da biblioteca Santo Tomás de Aquino da Faculdade Católica de Anápolis, da biblioteca da Universidade Estadual de Goiás, além de pesquisas em biblioteca pessoal.

CAPÍTULO 1

1.1 MÁRIO [DIAS] FERREIRA DOS SANTOS: VIDA E OBRA

1.1.1 Dados biográficos

Já notava Tobias Barreto, como nos lembra o padre Leonel Franca, que o Brasil sempre se mostrou um país infecundo e acanhado em diversas áreas da atividade intelectual, mas sobretudo no que tange à discussão filosófica (FRANCA, 263). Pode-se notar que este sentimento de provincianismo do brasileiro ante as discussões mais elevadas do espírito humano ainda é uma máxima que encontra vozes não somente na opinião pública, mas principalmente nos ambientes acadêmicos, onde o estudo da filosofia brasileira ainda mostra-se relativamente tímido, o que corrobora - ao menos em parte - com o que o filósofo sergipano denunciou. Diz-se que corrobora apenas em parte porque, embora parca, não é nula a contribuição brasileira à filosofia. Sem dúvida, há no Brasil grandes homens dignos de receberem o nome de filósofos, no sentido mais estrito do termo. Homens como Farias Brito, Vicente Ferreira da Silva, José Pedro Galvão de Souza, Gilberto

de Mello Kujawski, Leonardo Von Acker, Emanuel Carneiro Leão, Miguel Reale dentre outros que - tem-se a esperança - em um futuro próximo sejam objeto de estudo de nossos meios intelectuais e que estes lhes façam justiça ao grande legado à nossa nação.

Faz parte deste time de pérolas desconhecidas o filósofo, advogado, empresário, tradutor e editor Mário [Dias] Ferreira dos Santos. São escassos os dados biográficos sobre Ferreira dos Santos. A maioria das informações confiáveis sobre sua vida são fornecidas pelo próprio autor em um pequeno texto publicado na coletânea *‘Rumos da filosofia atual no Brasil em auto-retratos’*, organizada pelo padre Dr. Stanislavs Ladusāns, S. J., com o intuito de divulgar a atividade filosófica do Brasil.

Mário Ferreira dos Santos, segundo Olavo de Carvalho, nasceu a 3 de janeiro de 1907 na cidade de Tietê, interior do estado de São Paulo (2001. P. 13), mas passou sua infância e parte da juventude na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. No Colégio Gonzaga de Pelotas, administrado pelos padres jesuítas, iniciou seus estudos, mais tarde mudou-se para Porto Alegre e lá ingressou no ensino superior, formando-se em Direito e Ciências Sociais pela Faculdade de Direito de Porto Alegre (CARVALHO, 2001, p. 14). Casou-se aos 22 anos com Yolanda Lhullier e com ela teve duas filhas (LADUSĀNS, 1976, p. 410).

Segundo Carlos Aurélio Mota de Souza, autor da introdução da obra póstuma de Mário Ferreira dos Santos, *‘Cristianismo: A Religião do homem’*, o filósofo paulista escreveu para os jornais *‘Diário de notícias’* e *‘Correio do Povo’*, ambos de Pelotas, durante a década de trinta, época em que foi preso por alguns dias, por causa de suas críticas ao novo regime político de Vargas (2003, p. 8). Dedicou-se silenciosamente décadas a fio ao estudo da cultura e da filosofia e, embora tivesse publicado romances sob pseudônimos diversos e realizado, nos referidos anos 30, várias traduções das obras de Nietzsche, Whitman, Amiel e Balzac, somente a partir de sua mudança para a cidade de São Paulo, em 1944 (2003, p. 8), é que Mário passa a tratar com exclusividade a divulgação de seu trabalho filosófico, dando início à publicação de sua *Enciclopédia das Ciências Filosóficas e Sociais*, pelas editoras Logos e Matese, fundadas pelo próprio filósofo com o intuito de editar, publicar e vender suas obras que foram recusadas pelo mercado editorial do país (LADUSĀNS, 1976, p. 410).

Com suas editoras, Logos e Matese, Mário Ferreira trouxe ao Brasil o conceito de vendas de livros a crédito, vendendo suas obras de porta em porta e obteve bastante sucesso, com algumas de suas obras chegando à casa de onze edições (SANTOS, 2001, p. 14). Na cidade de São Paulo trabalhou em suas editoras editando e vendendo suas obras, proferiu várias palestras em diversos centros culturais, ministrou cursos presenciais ou por correspondência de filosofia, lógica e oratória e ministrou aulas por breve período de tempo no Centro Livre de Estudos Superiores, de Vicente Ferreira da Silva. Apesar de não ter lecionado em escolas ou faculdades por livre iniciativa, Mário Ferreira dos Santos, atendendo a um pedido do padre Stanislavs Ladusãns, ministrou algumas aulas na faculdade Nossa Senhora Medianeira, administrada pelos padres jesuítas, por algumas semanas, trabalho interrompido por sua morte, em 1968 (CARVALHO, 2001, p. 29).

Embora os dados biográficos sobre Mário sejam escassos e seu pensamento filosófico ainda pouco discutido nos ambientes acadêmicos, a importância de sua obra para a história da cultura brasileira é inegável. Sobre o legado de Mário Ferreira dos Santos, Olavo de Carvalho afirma que

Ao morrer, em 1968, Mário Ferreira dos Santos deixou além de uma quase centena de livros publicados, uma volumosa coleção de inéditos entre os quais se encontram - posso assegurar - suas obras mais valiosas. Dentre elas, destacam-se estas *Leis Eternas*, que um exame objetivo permite simar sem qualquer exagero, como um dos cumes do pensamento metafísico do século XX (...) Mário Ferreira é, afinal, de pleno direito, o *Philosophus brasiliensis*: sua obra testemunha a eclosão, tardia mas esplêndida, de uma consciência filosófica integral neste país e marca, assim, o verdadeiro ingresso do Brasil na história espiritual do mundo, já não na condição de ouvinte, mas na de orador e mestre (CARVALHO, 2001, p. 29).

Além de Olavo de Carvalho, afirma também o importante historiador da filosofia brasileira Jorge Jaime que, com a morte de Mário Ferreira dos Santos, a filosofia brasileira perdeu o último grande defensor de uma filosofia universal e que, ao mesmo tempo, levava em conta as necessidades da cultura brasileira (JAIME, 1999 p. 341), ressaltando a contribuição de Ferreira dos Santos para a filosofia brasileira.

1.1.2 A Filosofia Concreta e a Dialética Concreta e Ontológica de Mário Ferreira dos Santos

São também relativamente poucos os estudos do itinerário filosófico de Ferreira dos Santos. Dentre as pesquisas que se conhece, podem-se apontar como fidedignas ao seu trabalho os artigos escritos por Olavo de Carvalho, presentes nas obras: "O Futuro do pensamento brasileiro" e "A filosofia e o seu inverso". Pode-se citar também a introdução feita por Carvalho à obra "Sabedoria das Leis Eternas". Além dos estudos de Olavo de Carvalho, tem-se também o verbete contido na italiana *Enciclopedia Filosofica- Centro di Studi Filosofici di Gallarate*, dedicado ao autor, além de uma análise da Filosofia Concreta feita pelo historiador Jorge Jaime em seu livro "História da filosofia no Brasil".

Mário, sem dúvida, foi um autor extremamente fecundo; sua obra, entre publicados e inéditos, contabiliza mais de cem volumes, dentre os quais se pode citar a coleção *Problemas Sociais*, em nove volumes, onde Ferreira dos Santos faz análises concernentes ao marxismo, economia, filosofia da cultura e sociologia. Pode-se citar, contudo, como o principal trabalho de Mário Ferreira a importante *Enciclopédia das Ciências Filosóficas e sociais*, em quarenta e cinco volumes, publicada a partir do início dos anos 50 o qual representa um verdadeiro salto qualitativo da obra de Ferreira dos Santos, em que o filósofo define e fundamenta seu método de filosofar, denominado por ele como Positivo e Concreto (CARVALHO, 2012, p. 154), o qual será exposto mais adiante. Afirma-se que a Enciclopédia representa um salto qualitativo porque nas obras anteriores a ela tem-se Mário Ferreira como um divulgador de obras e cultura filosófica ao passo que na Enciclopédia, já se pode reconhecer nele um verdadeiro filósofo, que estuda os mais complexos problemas filosóficos (CARVALHO, 2012, p. 155), dando-lhes soluções à medida de seu conhecimento e experiência pessoal.

Carvalho ainda faz uma terceira divisão da obra do filósofo paulista, marcada por uma síntese entre o pensamento pitagórico-platônico e a tradição filosófica de inspiração aristotélico-tomista, exposta nos dez últimos volumes da Enciclopédia (CARVALHO, 2012, p. 159), dentre os quais pode-se citar *Pitágoras e o Tema do Número*, *O Um e o Múltiplo* e *A sabedoria das Leis Eternas*, além da série de inéditos- em que Mário dedica-se ao estudo da *Matese*- denominada *A sabedoria*

dos Princípios, em sete volumes (LADUSÃNS, p. 414). Inédito também permanece a tradução diretamente do grego das obras completas de Platão e de Aristóteles. Infelizmente esta terceira fase da obra de Mário requer uma pesquisa ulterior e mais aprofundada de sua filosofia, cuja realização fica a cargo de trabalhos futuros. Por hora, este trabalho visa apenas a uma breve exposição de sua filosofia, contida na já citada enciclopédia.

Conforme ficou dito, na segunda fase de seu pensamento é que Mário Ferreira dos Santos expõe o seu método filosófico, denominado por ele como Positivo e Concreto. Mário usa o termo "positivo" (do verbo "por"), não na acepção entendida por Comte, mas sim no sentido de afirmação, ou seja, o filósofo entendia por positiva uma filosofia de via afirmativa dos princípios filosóficos, descobertos ao longo dos séculos de pensamento filosófico (CARVALHO, 2012, p. 155). Logo, o ponto de partida da investigação filosófica positiva é a certeza da capacidade do homem de conhecer algo sobre a realidade bem como dos princípios que a fundamentam. Necessário é, porém, que a verdade destes princípios positivos possam ser provadas, e mais, provadas apoditicamente, de *per se*, de modo que a verdade de tais princípios não possa ser contestada.

Da tentativa de demonstrar (e mostrar) a realidade e necessidade dos princípios metafísicos - problema aparentemente inabarcável à consciência filosófica brasileira até então - que Mário Ferreira dos Santos erige sua Filosofia positiva e concreta, um pensar filosófico que tem como fim um conhecimento que connexiona o que há de específico em uma dada realidade às leis da ontologia (SANTOS, 1961, p. 20). Logo, a Filosofia Concreta não se propõe a uma solução de um problema em particular, mas sim à possibilidade mesma de se fundamentar um sistema filosófico inteiro baseado em juízos matemáticos apodíticos e necessários. O termo "concreto" (da preposição "com"), tal como entende Ferreira dos Santos, em nada refere-se à acepção comum do termo, como aquilo que é captado por meio dos sentidos, mas sim a seu significado nominal, que é "crescer-se com", ou seja, aquilo que não está somente na entidade individual mas também nos elementos que possibilitam a existência dessa entidade (1961, p.19).

A filosofia concreta não se funda, afirma Mário Ferreira, na autoridade histórica dos filósofos, mas na autoridade do pensamento justificado e nos princípios

universais e apodícticos (matemáticos, no sentido pitagórico do termo¹) que o pensar humano conheceu ao longo dos séculos (JAIME, 1999, p. 344). Não é também o filosofar concreto um sincretismo de ideias ou um apanhado de pensamentos diversos organizados em um sistema, mas sim princípios necessariamente verdadeiros, cuja validade é confirmada à medida em que é comprovada a verdade dos seus próprios postulados, de modo que se em algum momento as teses da Filosofia Concreta coincidem com os postulados de outros filósofos, afirma Ferreira dos Santos, isso se dá pelo motivo de que aquilo que foi dito pelos filósofos é perene e de herança da humanidade (SANTOS, 1961, p. 12-16).

A filosofia concreta fundamenta-se, assim, unicamente na verdade de seus postulados (SANTOS, 1961, p. 13), que, provados, sintetizam a própria axiologia da ontologia. É necessário, logicamente, que a filosofia concreta parta de um princípio que tenha valor ôntico e ontológico universalmente válido, cuja apoditicidade seja provada de *per se*, independente de qualquer tradição filosófica e que sirva como ponto de partida dos demais postulados da filosofia concreta. E este ponto de partida do filosofar concreto, denominado por Mário Ferreira dos Santos como ponto arquimédico, é a primeira tese da filosofia concreta: “alguma coisa há e o nada absoluto não há” (SANTOS, 1961, p. 29). Afinal, como afirma Ferreira dos Santos, o único erro que haveria em afirmar que “alguma coisa há” estaria no fato de não haver coisa alguma, nem mesmo o ato de duvidar que algo há, o que é absurdo (SANTOS, 1961, p. 29). Assim, a tese “alguma coisa há”, afirma a presença de algo, ou seja, afirma um ser, mesmo que ainda não se tenha claro, ao menos na primeira tese, em que consiste este ser² (SANTOS, 1961, p. 29).

Da verdade da primeira tese “alguma coisa há e o nada absoluto não há’,

¹ Os números para os pitagóricos correspondem aos princípios que fundamentam a realidade, cuja noção influenciou Platão e sua descoberta das Formas, ou Ideias. Assim, um juízo matemático, na filosofia concreta, não é um juízo cartesiano e apriorístico, mas um juízo fundado em princípios perenes e na estrutura eidética do ente em estudo. M. F. dos Santos trabalha a questão do número na acepção pitagórica em sua obra “*Pitágoras e o tema do número*”, além dos livros dedicados à *Matese*, que propõe uma síntese do filosofar pitagórico-platônico e aristotélico-tomista.

² É importante ressaltar que a tese “alguma coisa há” não se identifica com o *cogito* cartesiano. Enquanto, para Descartes, o ato de pensar fundamenta a capacidade do homem de saber que “alguma coisa há”, para Mário Ferreira dos Santos, como é exposto nas demais teses da filosofia concreta, o ser assinalado pela primeira tese é anterior, superior e independente do pensamento humano e que, ao contrário do *cogito*, é o critério de certeza do existir e do pensar do homem. Uma exposição mais aprofundada da filosofia concreta, infelizmente, não será possível no presente trabalho, visto que não é este o escopo do texto. Por hora, a intenção é apenas expor a importância do pensamento de Mário Ferreira dos Santos para a filosofia, justificando a escolha pelo filósofo brasileiro para a análise da dialética marxista que se segue.

seguem-se todos os outros postulados da filosofia concreta, dentre os quais se pode citar (sem as devidas demonstrações, para que o presente trabalho não entre em delongas): Tese 2: o nada absoluto, por ser impossível, nada pode; Tese 3: prova-se mostrando e não só demonstrando; Tese 4: a demonstração exige o termo médio; a mostração entretanto não o exige; Tese 5: Há proposições não deduzidas inteligíveis por si e de *per si* evidentes (axiomas); Tese 6: pode-se construir a filosofia com juízos universalmente válidos; Tese 7: O nada absoluto é a contradição de “alguma coisa há”; Tese 8: O que há, é; é ser. O que não há, é não-ser; Tese 9: A proposição “alguma coisa há” é notada suficientemente por si mesma; Tese 10: “Alguma coisa há” não é um ente de razão, mas um ente real-real (SANTOS, 1961, p. 30-38). Deste “ponto arquimédico” que é a primeira tese da filosofia concreta, o filósofo brasileiro elabora todas as 327 teses, dispostas em três tomos da obra homônima, que fundamentam seu filosofar e exprimem os princípios axiológicos da realidade.

Para que a Filosofia Concreta não incorra em formalismos lógicos ou em qualquer outra forma de vício ao adotar um método demonstrativo único, Ferreira dos Santos demonstra cada uma das teses do filosofar concreto com os mais variados métodos de demonstração válidos da filosofia, como a lógica aristotélica e escolástica, os métodos indutivo-dedutivo e dedutivo-indutivo, a demonstração *a more geometrico*, a demonstração pela via *reductio ad absurdum*, a demonstração pela dialética idealista, pela dialética platônica, pelo método circular de Raimundo Lúlio, pela demonstração *e converso* e pelo método criado por Mário Ferreira dos Santos, a dialética ontológica³, composta pela dialética simbólica, decadialética e a pentadialética, que será exposta logo abaixo⁴ (SANTOS, 1961, p. 20-21).

Como a Filosofia Concreta pretende ser uma “visão unitiva das ideias e dos fatos” (SANTOS, 1961, p.16), e que, como afirma Mário Ferreira, sua validade é confirmada à medida que é comprovada a verdade de seus postulados (SANTOS, 1961, p.13), é necessário que este filosofar prescindia de um método de verificação não só do próprio pensar concreto, mas também que possibilite uma investigação rigorosa dos campos práticos da vida (SANTOS, 1959, p. 12) e que esta

³ Em algumas obras de M. F. dos Santos, a dialética ontológica é denominada também como dialética concreta.

⁴ O presente trabalho fará uma breve exposição da decadialética e da pentadialética, visto que uma apresentação da dialética simbólica nada acrescentaria à investigação acerca do marxismo, mas acarretaria delongas desnecessárias.

investigação possa fornecer um conhecimento mais certo destes campos. A partir desta necessidade, Mário Ferreira dos Santos cria seu método de investigação, a decialética, que é, segundo o filósofo paulista, um método de investigação dialético acerca das realidades particulares, fundamentado nas regras da lógica formal aristotélica e escolástica e na metafísica pitagórico-platônica e aristotélico-escolástica (SANTOS, 1959, p.12).

A decialética propõe uma investigação filosófica, em dez campos dialéticos acerca do objeto em relação a si mesmo e ao sujeito que o observa, à realidade que o circunda, o conjunto de atualidades, virtualidades e potencialidades deste objeto e sua estrutura eidética (SANTOS, 1959, p. 242). Em resumo, os dez campos de investigação decialética são: campo do sujeito e do objeto; campo da atualidade e da virtualidade; campo das possibilidades reais (virtualidades) e das possibilidades não-reais; campo da intensidade e extensidade; campo da intensidade e extensidade nas atualizações; campo das oposições do sujeito: razão e intuição; campo das oposições da razão: conhecimento e desconhecimento; campo das oposições da razão: atualizações e virtualizações racionais (intencionais); campo das intuições da oposição: conhecimento e desconhecimento; campo do variante e do invariante (SANTOS, 1959, p. 242). Estas análises se dão sob cinco planos da realidade, que Mário Ferreira denomina pentadialética, a saber: como unidade, como parte, como série, como sistema, como universalidade (SANTOS, 1959, p. 261). Os dez campos de investigação decialética, logo, não se referem a categorias mentais *a priori* ou a estruturas lógicas (embora suas conclusões estejam sujeitas às leis da lógica formal), mas sim aos elementos constituintes do próprio ente investigado e suas relações com a realidade, daí a decialética e a pentadialética serem parte da dialética ontológica (CARVALHO, 2001, p. 24).

As contribuições no campo da ontologia, lógica e dialética já seriam suficientes para enquadrar o “portentoso criador da filosofia concreta”, modo como refere-se o historiador Jorge Jaime ao filósofo paulista (1999, p. 339), entre os grandes nomes da filosofia brasileira. Mário Ferreira, porém, estendeu seu trabalho para os campos da história e da sociologia, que ocuparam lugar de destaque na Coleção “*Problemas Sociais*”, onde o filósofo brasileiro realizou suas pesquisas e contribuições neste campo com o rigor da sua dialética ontológica. Mário Ferreira foi bastante requisitado para ministrar conferências e palestras sobre história, cultura geral e problemas sociais, debatendo com importantes figuras da

intelectualidade brasileira. Seu debate mais emblemático, contudo, foi aquele realizado em um centro anarquista onde Ferreira dos Santos teve como adversário o eminente intelectual do Partido Comunista, Caio Prado Junior (CARVALHO, 2012, p. 152). Em 1953, Mário Ferreira dos Santos lançou sua obra "*Análise dialética do marxismo*", uma análise e crítica do marxismo através da decadialética. Entretanto, é em "*Lógica e dialética*", de 1959, que Mário expõe sua análise do pensamento marxista enquanto proposta dialética. Tanto o referido debate quanto o lançamento das obras críticas ao marxismo causaram certo desconforto à intelectualidade marxista e antiescolástica da época, o que fez do filósofo paulista alvo de diversos boicotes em centros de debate e estudos da esquerda brasileira (CARVALHO, 2012, p.153).

Tais acontecimentos, além de demonstrar o conhecimento que Mário Ferreira possuía sobre o marxismo e justificar a opção do presente trabalho pelo filósofo brasileiro, servem também para explicar o porquê do silêncio que se fez em volta deste importante pensador após sua morte. Explica Jorge Jaime que perversas deturpações e sabotagens realizadas por maldosos, mas influentes, detratores condenaram a obra de Ferreira dos Santos ao ostracismo (1999, p. 341). Além do silêncio imposto por seus desafetos intelectuais, outro grave fator que talvez tenha contribuído para o esquecimento de Mário Ferreira dos Santos no Brasil é a má qualidade da edição de suas obras, que contém diversos erros de revisão, lapsos lingüísticos e frases inacabadas que, não raras as vezes, dificultam muito a leitura (CARVALHO, 2012, p. 154). Problema que talvez possa ser explicado pelo fato de que era o próprio filósofo quem escrevia, revisava, editava, lançava e vendia as obras, faltando-lhe tempo para dedicar-se com mais afinco aos cuidados editoriais de seu trabalho. Independente destes percalços, Mário Ferreira dos Santos foi, sem dúvida, um grande pensador brasileiro e suas análises sobre o marxismo podem acalorar o debate sobre o assunto, ainda tão em voga na academia brasileira. Antes de analisar se a dialética materialista é de fato ou não uma possibilidade filosófica, à luz do trabalho de Ferreira dos Santos, que é o escopo do presente trabalho, o próximo capítulo tratará sobre a importância da dialética para o marxismo.

CAPÍTULO 2

2.1 OS ELEMENTOS ESTRUTURANTES DO PENSAMENTO MARXISTA E A NOVIDADE DO MARXISMO⁵

De modo geral, uma teoria quando bem estruturada, seja ela científica ou filosófica, possui elementos essenciais e elementos acidentais. Os elementos essenciais definem a teoria enquanto tal, o que ela é em si mesma e o que a diferencia de outras teorias. Por outro lado, os elementos acidentais de uma teoria compõem aquilo que, embora possa agregar-lhe valor, não a define. Será analisado, nos próximos parágrafos, o que é acidental e o que é essencial do pensamento marxista, ou o que é comumente aceito como essencial do marxismo, segundo importantes teóricos do marxismo.

Afirma o eminente teórico marxista Antônio Gramsci que o marxismo estrutura-se sobre três pilares: a economia, a política e a filosofia, porém, a unidade destes três elementos é dada pela cosmovisão dialética do marxismo (1978, p. 112-113), cuja unidade constitui a chamada filosofia da *práxis*. Esta filosofia da *práxis*, afirma o historiador marxista Wolfgang Röd, desenrola-se no plano sociológico da história humana, onde a análise da relação dialética entre os fatores sociais e aquilo que Karl Marx denomina como ideologia (religião, filosofia, direito etc...) possibilitaram o nascimento da análise materialista da história (1984, p. 224), ponto que é tido como central do pensamento marxista por vários intelectuais da esquerda. Assim, é a dialética que estrutura o materialismo histórico. Porém, a área que versa sobre a estrutura da dialética e seu uso é a filosofia, ou seja, a política, a economia e a sociologia, embora sejam elementos centrais do marxismo, não são elementos essenciais. O elemento essencial do marxismo é, pois, uma concepção filosófica de mundo, a qual será analisada nos próximos parágrafos.

Logo, antes de apresentar-se como uma teoria acerca de problemas sociais ou econômicos isolados, o marxismo pretende ser uma explicação do mundo em

⁵ Embora muitos intelectuais estabeleçam uma distinção entre o pensamento marxiano, ou seja, do próprio Karl Marx do pensamento marxista, inspirado em Marx e Engels, o presente trabalho optou por não fazer esta diferenciação, visto que a interpretação dialética de mundo é uma constante tanto no pensamento de Engels e Marx quanto no pensamento das escolas marxistas. Assim, a presente análise da dialética materialista abarcará todas as linhas de pensamento que estruturam-se sobre esta noção de dialética.

sua totalidade; dos fenômenos naturais, humanos e das discussões acerca da fundamentação do real, em resumo, o marxismo relega para si a condição de filosofia⁶ (DAUJAT, 1962, p. 18). Não é, porém, o marxismo um pensar filosófico contemplativo ou especulativo, mas sim uma atividade de pretensão eminentemente prática, como pode-se notar na famosa XI tese sobre Feuerbach, em que Karl Marx afirma que “os filósofos interessaram-se em interpretar o mundo de diferentes maneiras, mas trata-se, porém⁷, de transformá-lo” (MARX, 1998, p. 103). Tal pretensão faz de Marx, como denomina-o Antônio Gramsci, o fundador da citada filosofia da *práxis* (1978, p. 96), quer dizer, a filosofia que pretende ao mesmo tempo explicar a realidade e exercer sobre ela uma ação objetiva e normativa, que fundamente a teoria histórica, social e econômica. Consequentemente, só se pode compreender a *práxis* marxista e seus elementos constituintes mediante um exame da filosofia dialética e materialista de Marx e Engels, que é o elemento essencial do marxismo.

Embora a forma dialética e materialista com que Karl Marx estrutura o conjunto de seu pensamento seja uma proposta inédita na história da filosofia, isoladamente, nenhum dos elementos componentes do pensamento marxista apresenta-se como novidade (SANTOS, 1964, pág. 96). Mário Ferreira dos Santos, baseando-se na classificação de Barnes e Becker, afirma que dentre os principais elementos do marxismo herdados de outras correntes de pensamento, pode-se citar: os conceitos de socialismo e comunismo conhecidos provavelmente através de Lorenz Von Stein; o conceito de materialismo histórico oriundo de Feuerbach e Hereen; a teoria de trabalho como medida de valor Marx herda de David Ricardo, Rodbertus e dos demais socialistas ricardianos; vem de Thompson o conceito de plusvalia; a ideia de luta de classes é assinalada por Louis Blanc, Proudhon e Weitling; a convicção de que a grande concentração de riqueza nas mãos de uma pequena parcela da sociedade debilitaria progressivamente o capitalismo Marx recebe de Sismondi; os ideais de uma sociedade sem classes oriunda provavelmente do *mischpat* hebreu. As noções de táticas revolucionárias, Marx

⁶ Tal condição é aceita pela maioria das escolas de pensamento marxista, com exceção daquelas que entendem o marxismo não como pensamento autônomo, mas como método subordinado a outras concepções filosóficas ou sociológicas, tal como propõe o revisionismo, por exemplo.

⁷ Embora a frase seja atribuída a K. Marx, a conjunção “porém” é acrescentada posteriormente por F. Engels, conforme consta na nota de rodapé da edição utilizada da obra “A ideologia alemã” (1998, p.103).

herdou dos revolucionários jacobinos, de Danton e de outros líderes da revolução francesa, além do importante conceito de dialética e a confiança na atividade estatal que são herdados de Hegel⁸ (SANTOS, 1953, pág. 55-56).

Logo, pode-se concluir que todos esses elementos citados não são em si mesmos exclusivos ou essenciais do comunismo marxista. Exclusiva é a forma com que esses elementos foram estruturados no pensamento de Karl Marx, como afirma o próprio o próprio pensador alemão em uma carta endereçada ao revolucionário marxista Joseph Weydemeyer, datada de 5 de março de 1852:

No que me diz respeito, não é a mim que me cabe o mérito de haver descoberto nem a existência das classes na sociedade moderna, nem a luta que se verifica entre elas. Muito tempo antes de mim, historiadores burgueses já haviam estudado o desenvolvimento histórico dessa luta entre as classes e economistas burgueses já haviam feito sua anatomia econômica. O que fiz de novo foi apenas isto:

1- Demonstrar que a *existência das classes* está ligada a *certas fases de desenvolvimento histórico da produção*;

2- Que a luta de classes conduz *necessariamente à ditadura do proletariado*;

3- Que essa mesma ditadura não constitui senão uma fase de transição do sentido da *abolição de todas as classes, isto é, a uma sociedade sem classes* (SANTOS *apud* MARX, 1953, p. 56; o itálico é do próprio texto).

Tendo em vista o que foi dito acima, pode-se concluir que pensamento filosófico marxista estrutura-se essencialmente sob uma concepção dialética materialista que pretende explicar o modo de ser da natureza e do homem e cuja noção fundamenta o materialismo histórico, campo onde se desenrola a luta de classes (CHEVALLIER, 1986, pág. 288). Afirma ainda o teórico marxista brasileiro Caio Prado Junior, sobre a importância do conceito de dialética no marxismo, que sem o materialismo dialético não haveria nenhuma originalidade na obra de Marx (PRADO JR, s/d, p. 478). Louis Althusser, outro importante teórico marxista, afirma que, embora a base do marxismo como proposta científica seja o materialismo histórico, a estrutura do pensamento marxista como proposta filosófica- quer dizer, como explicação da realidade em si mesma- é o materialismo dialético (HARNECKER, 1973, p.7) lega, porém, o argelino anti-humanista, à luta de classes a responsabilidade pela unidade da *práxis* marxista, tese controversa entre os teóricos do marxismo.

⁸ Dentre essas várias correntes de pensamento, pode-se notar que é do chamado socialismo utópico que se origina os principais ideais revolucionários e os conceitos econômicos e sociológicos do marxismo, embora Marx fosse ferrenho crítico dessa chamada "teoria utópica".

Não são apenas os pensadores marxistas posteriores à revolução socialista soviética que reconhecem o caráter essencial da concepção dialética do marxismo. A base de toda cosmovisão do marxismo soviético de Lênin a Stálin é, sem dúvida, o materialismo dialético (REALE e ANTISERI, 1991, p. 204) e foi essa visão de mundo que possibilitou o levante socialista soviético. O marxismo e, conseqüentemente, o materialismo histórico, afirma o menchevique Plekhânov, é uma visão de mundo fundamentada na dialética materialista (1989, P. 91). Afirma Lênin que a dialética de Marx, no campo da investigação filosófica materialista, é a doutrina acerca desenvolvimento humano mais completa e abrangente de que se tem conhecimento (REALE, 1991, p. 196). Essa cosmovisão esteve presente em todos os momentos da revolução soviética e não foi abandonada nem mesmo durante seu processo de reestruturação política, social e econômica, a Perestroika. Como afirma Mikhail Gorbachev, “as obras de Lênin e seus ideais permaneceram conosco como fonte inesgotável de pensamento dialético criativo, riqueza teórica e sagacidade política” (1987, p. 25), o que ressalta a tese do presente trabalho de que a dialética materialista não é apenas uma metodologia econômica e social presente apenas em determinados aspectos do marxismo, mas sim a forma com que se estrutura a própria interpretação de mundo revolucionária que se faz presente nas mais diversas escolas marxistas ao longo dos séculos.

A novidade de Marx está, em resumo, no fato do fundador da filosofia da *práxis* reunir os elementos essenciais daqueles comunismo e socialismo já existentes e analisá-los de um novo ponto de observação. Este prisma a partir do qual Marx propõe sua forma de interpretação do comunismo é a dialética e, mais especificamente, uma dialética inspirada em Hegel. Não que a inserção do hegelianismo no socialismo seja em si mesmo algo novo. A novidade do comunismo de Marx é que o filósofo alemão propõe uma transposição da dialética hegeliana do campo do idealismo absoluto para o campo do materialismo absoluto, ou seja, Marx propõe uma dialética radicalmente materialista (DAUJAT, 1962, p. 43). Uma interpretação de toda a história da natureza e da humanidade, bem como dos vários aspectos da revolução socialista, estruturada sob uma visão radicalmente dialética e materialista de realidade; eis a novidade do marxismo em relação às outras propostas socialistas, comunistas e filosóficas.

Não se faz necessário citar mais exemplos da importância da dialética como elemento essencial do marxismo. A presente investigação tratará agora de

esclarecer o que Marx e Engels entendiam especificamente por dialética materialista. Tendo em vista, como já foi afirmado anteriormente, que a dialética é um conceito filosófico e para se ter uma visão objetiva da proposta marxista e analisá-la segundo o pensamento filosófico de Mário Ferreira dos Santos, que é a intenção da presente pesquisa, se faz necessário, porém, uma exposição do conceito de dialética, não só no entender de Marx, mas principalmente do desenvolvimento dessa noção ao longo da história da filosofia, expondo as modificações que sofreu esse conceito no desenrolar dos tempos. Segue-se abaixo um breve histórico da noção de dialética.

CAPÍTULO 3

3.1 O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE DIALÉTICA AO LONGO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Mário Ferreira dos Santos, como já foi dito, possui importantes contribuições para o campo da investigação dialética, propondo um método de investigação nessa área pautado no desenvolvimento histórico do pensar dialético, na lógica formal e na metafísica aristotélica e escolástica. A busca por um maior rigor na investigação filosófica e por um conhecimento apodítico da realidade é a base do pensamento do filósofo paulista, que se efetiva em plenitude, enquanto método de investigação, na decadialética. A decadialética, resumidamente exposta no início do presente trabalho, é apresentada e utilizada como método de investigação em diversas obras de Ferreira dos Santos, dentre as quais podemos citar “*Métodos Lógicos e Dialéticos*”, “*Dialética concreta*”, “*Teoria do Conhecimento*”, “*Filosofia Concreta*”, “*Dicionário de filosofia e ciências naturais*”, “*Análise dialética do marxismo*”, “*Filosofia concreta dos valores*” e “*Noologia geral*”, mas é em “*Lógica e Dialética*” que o filósofo brasileiro expõe sistematicamente o método decadialético. O presente trabalho utilizará essencialmente a obra “*Lógica e Dialética*” para expor o conceito de dialética que se segue.

A palavra dialética, do grego *dialektikê*, significa, etimologicamente, a arte da discussão (SANTOS, 1959, p. 87). São muitas as aplicações do termo ao longo da história da filosofia, algumas pejorativas e outras eminentes. Pejorativamente, a dialética já foi entendida como a arte de enganar e de discutir apenas com palavras

e, eminentemente, como arte de esclarecer através da discussão, de chegar à verdade através das ideias (SANTOS, 1962, p. 26). Logo, o conceito de dialética não é unívoco e ao longo da história da filosofia, como afirma Nicola Abbagnano, é possível encontrar quatro significados eminentes fundamentais para o referido conceito, que são: a dialética como método de divisão, como lógica do provável, como lógica e como síntese dos opostos, que se originam, segundo o filósofo italiano, das correntes platônica, aristotélica, estóica e hegeliana (2007, p.269).

3.2 DE ZENÃO A HERÁCLITO: A DIALÉTICA ENTRE OS FILÓSOFOS DA *PHYSIS*

É comumente aceito que o surgimento da dialética como filosofia, se deu com Zenão de Eléia (490 a. C.), muito embora, afirme Aristóteles, o filósofo eleata tenha utilizado o termo em sentido pejorativo, ao entendê-lo como método de reduzir as posições filosóficas de seus adversários e adversários de Parmênides, seu mestre, à conclusões contraditórias (BURNET, 2006, p. 331). Zenão partia não de premissas verdadeiras, mas do princípio de que, embora a tese metafísica da imutabilidade do ser de Parmênides soasse absurda à experiência empírica, as teses contrárias propostas por seus adversários eram ainda mais absurdas, o que, para Aristóteles, faz da dialética de Zenão uma espécie de argumento sofístico⁹ (BURNET, 2006, p. 331). Embora Zenão seja considerado o pai da dialética, em Empédocles (495 -435 a. C.), filósofo da escola Jônia, já se encontram fragmentos do pensamento dialético, na querela sobre a unidade e multiplicidade dos elementos cosmológicos (SANTOS, 1959, p. 90).

É, porém, com Heráclito de Éfeso (535-475 a. C.) que a chamada filosofia pré-socrática encontra a primeira grande concepção do termo dialética, que reaparecerá diversas vezes na história da filosofia: a dialética dicotômica, ou como denomina Nicola Abbagnano, a dialética da relação entre os opostos (SANTOS, 1959, p. 91). Heráclito, opondo-se à teoria metafísica de Parmênides sobre a imutabilidade do ser (o que é, é; o que não é, não é), afirmava o eterno devir das coisas, onde toda a realidade cosmológica, embora tenha um princípio fundamental, o fogo, está em contínuo conflito entre seus elementos opostos, o que configura, para o filósofo de Éfeso, o mundo da *physis* como um eterno vir-a-ser (*panta rhei*)

⁹ O argumento da “refutação dialética” de Zenão, obedecendo as regras da lógica formal e revisto de seus erros, deu origem ao famoso argumento *reductio ad absurdum* (REALE, 2007, p. 32).

(FRANCA, 1987, p. 40). Essa noção de dialética como um eterno devir conflituoso entre os elementos do *cosmos*, dada por Heráclito, influenciou diretamente o pensamento de Georg W. F. Hegel (1770-1831), cujas teses de sua Lógica, segundo o próprio filósofo alemão, em nada contradizem o pensamento dialético do filósofo de Éfeso (FRANCA, 1987, p. 40).

3.3 DOS SOFISTAS A ARISTÓTELES: A DIALÉTICA EM SUA ACEPÇÃO MAIS EMINENTE

Com a mudança do eixo da filosofia do âmbito do *cosmos* para o âmbito humanista realizada pelos sofistas, a dialética encontra uma nova acepção. O referido conceito torna-se, na voz dos chamados sofistas-políticos, a arte da ação política, um método de conquista do poder, profundamente ligado à arte da persuasão retórica que, em compensação de seus aspectos negativos e de frutos tão amargos ao mundo grego, encontra uma forma mais positiva na figura de Sócrates (REALE, 2007, p. 40). Contudo, é com Platão (427- 327 a. C.), discípulo de Sócrates, que a dialética encontra sua significação tradicional e mais eminente: a dialética torna-se, com o grande filósofo ateniense, o método filosófico de se chegar à verdade¹⁰ dos princípios universais que fundamentam a realidade, mediante o confronto racional destes princípios com as realidades particulares (SANTOS, 1959, p. 88). Com Platão, a dialética não é entendida apenas como um modo de ser do mundo físico, tal como fazia Heráclito, mas sim um método epistemológico e metafísico de conhecimento das Ideias, que são imutáveis e perenes (FRANCA, 1987, p. 56).

Como se sabe, o conhecimento, segundo o filósofo ateniense, é uma *anamnese*, ou seja, uma reminiscência daquelas verdades do mundo das Ideias¹¹ que a alma outrora contemplou e que ressurgem ao intelecto do homem mediante o contato com as realidades particulares do mundo físico (SANTOS, 1959, p. 93). Assim, na filosofia platônica, a dialética é o modo pelo qual o homem consegue chegar à ciência dessas Ideias em si mesmas e nas realidades particulares que

¹⁰ Verdade não no sentido aristotélico de *adaequatio intellectus et rei*, tal como foi entendido na filosofia medieval por Isaac Israeli e Santo Tomás de Aquino, mas sim, no sentido grego de *Alétheia*, ou seja, de iluminar, revelar, trazer à luz o que antes estava nas trevas (SANTOS, 1959, p. 88).

¹¹ Ou “formas”, como prefere Mário Ferreira dos Santos.

participam das ideias eternas (FRANCA, 1987, p. 56). Esta ciência se dá por duas vias: *sinótica* (ascensional) e *diairética* (descensional), onde, na forma sinótica, o filósofo, partindo da análise de uma determinada característica presente em certas realidades particulares de graus diversos, chega à conclusão da existência de uma forma eidética pura (a Ideia) a qual as realidades particulares são meras participantes, enquanto, na forma diairética, o filósofo parte da Ideia e, em posse da ciência das leis intrínsecas a essa ideia, chega-se às leis que regem a realidade particular que participa da referida forma eidética (REALE, 2007, p. 146). Assim, através da análise dialética, segundo Platão, o filósofo descobre a *Alétheia*, as formas eidéticas puras (ou ideias) que estruturam a realidade e que se escondem sob o véu das aparências das realidades particulares e contingentes do mundo da *physis* (SANTOS, 1959, p. 95).

A dialética tornou-se, com Platão, o método de investigação por excelência da filosofia e, conseqüentemente, parte essencial do projeto ocidental de racionalidade: a investigação racional acerca do ser, cuja finalidade é oferecer um conhecimento apodítico da realidade e que encontra seu termo em Aristóteles. Faltava a Platão, porém, maior rigor em seu filosofar, um método que lhe permitisse estabelecer com maior segurança seu sistema metafísico (FRANCA, 1987, p. 55). Rigor este que será encontrado no pensamento de Aristóteles (384 – 322 a. C.), pai da lógica e da ciência ocidental. Aristóteles reconheceu a validade do método de investigação dialético de Platão, seu mestre, dando-lhe, porém, as bases sólidas das regras da lógica formal, que põe à prova o produto do conhecimento dialético, sendo essa a primeira sistematização do uso da dialética (BERTI, 1998, p. 18). A dialética, para o filósofo estagirita, é o método de investigação que parte das premissas geralmente aceitas, as *éndoxas*, de uma dada realidade e, do confronto dessas premissas, pode-se chegar à verdade ou falsidade da conclusão acerca dessa realidade ou à conceituação mais exata do problema em debate, sempre de acordo com as regras da lógica (BERTI, 1998, p. 19-20). A dialética, em Aristóteles, tornou-se a arte do convencimento por vias racionais, que analisa cada posição provável acerca do assunto debatido e cuja conclusão independe da vontade dos debatedores, tendo a razão como única reguladora (CARVALHO, 2006, p. 95).

O lugar da dialética no pensamento do filósofo estagirita foi grande fonte de debates acadêmicos no século XX, que exerceram forte influência na interpretação

do pensamento aristotélico em nossos dias. Infelizmente, o presente trabalho não poderá expor, com a profundidade que requer o tema, as pesquisas acerca dos discursos aristotélicos, limitando-se a apenas sinalizar dois autores que podem ser citados como os principais pesquisadores sobre o lugar do discurso dialético no pensamento de Aristóteles: Éric Weil, com sua tese de que a dialética em Aristóteles não é inferior à lógica analítica, mas sim, o método científico por excelência do filósofo de Estagira (Weil defende, aliás, que o método adotado pelo próprio Aristóteles em suas obras não é o método lógico-formal, mas sim, o método lógico-dialético) e Jean-Paul Dumont, que, seguindo a tese de Weil, defendeu a ideia de que a lógica aristotélica, separada da dialética, transformaria todo o edifício teórico aristotélico em formalismo lógico, confusão conceitual que de fato ocorreu em alguns momentos da história da filosofia (CARVALHO, 2006, p. 101-103). Além dos autores citados, no Brasil, consoante à tese de uma igualdade entre os discursos lógicos e dialéticos em Aristóteles proposta por Éric Weil, pode-se citar também Olavo de Carvalho, que propõe uma nova sistematização da tipologia dos discursos aristotélicos, onde, os discursos Poético, Retórico, Dialético e Analítico (Lógico) são componentes, de igual valor, de um único sistema orgânico, que estrutura o método filosófico e científico de Aristóteles (CARVALHO, 2006, p. 27). Feito este adendo, segue-se a análise histórica do conceito de dialética.

3.4 DA IDADE MÉDIA AO RENASCIMENTO: A DIALÉTICA COMO MÉTODO DE VERIFICAÇÃO CIENTÍFICA

No período escolástico, o uso da dialética aristotélica, entendida como método de verificação subordinado às leis da lógica formal, tomou grande força com o desenvolvimento do estudo das regras do silogismo, tornando-se o grande núcleo da atividade intelectual da primeira fase da escolástica, que vai do século IX até o século XII (FRANCA, 1987, p. 95). O método dialético, na Idade Média, tornou-se ainda mais apurado, sendo ele a estrutura da própria argumentação científica escolástica, fundamentando os famosos debates nas universidades que posteriormente, deram origem ao gênero literário da escolástica, a Suma. Pode-se notar como as sumas, principalmente a partir do século XIII, estruturam-se como obras eminentemente dialéticas, em que um problema é analisado partindo de

postulados opostos comumente aceitos e, através do confronto das várias hipóteses possíveis, obtém-se a verdade ou falsidade do problema exposto (SANTOS, 1959, p. 103). A dialética escolástica, principalmente a partir de Pedro Abelardo, tornou-se a arte de distinguir o verdadeiro do falso em uma tese tomada particularmente, enquanto que a lógica formal dá a veracidade ou falsidade do discurso científico estruturado (REALE e ANTISERI, 1990a, p. 514).

É importante ressaltar que os primeiros séculos da escolástica foram marcados por uma grande controvérsia acerca do uso da dialética e do papel da gramática na filosofia, fomentada principalmente pelas teses de Anselmo, conhecido como Peripatético e Berengário de Tours, aluno do fundador da famosa escola de Chartres, Fulberto (GILSON, 1998, p. 282). Como afirma o mediavelista Etienne Gilson, tanto Anselmo quanto Berengário (que foram chamados pejorativamente como dialéticos), supervalorizando o método lógico-dialético, defendiam que toda e qualquer proposição deveria estar sujeita à análise dialética, inclusive os dados da Revelação Divina e os textos da Sagrada Escritura e se, em algum momento, a Revelação ou as Escrituras entrassem em contradição com os postulados dialéticos, deveria prevalecer a autoridade da lógica e dialética, posição que provocou reação por parte de vários místicos, como, por exemplo, São Pedro Damiano, que negaram o valor da dialética e da lógica (1998, p. 281-285). Uma tentativa de aplicação do uso moderado da dialética foi dada, no século XII, por Pedro Abelardo e Pedro Lombardo, que lançaram as bases estruturais do trabalho científico do século XIII, que teve como expressão máxima (como já foi dito) as sumas (VAZ, 2002, p. 35-37). No século XIII, Santo Tomás de Aquino reforçou a necessidade da subordinação da dialética à lógica, determinando os limites de atuação destas ciências¹² (CARVALHO, 2006, p. 26).

No Renascimento, a dialética encontra uma nova acepção com Nicolau de Cusa (1401-1464), distinta das noções aristotélica, platônica e escolástica e mais

¹² Como já foi dito anteriormente, no século XX surgiram estudos revolucionários da obra de Aristóteles, que exigiram novas interpretações de sua lógica e dialética, não mais entendidas apenas como ciências, mas também como formas de expressão da racionalidade humana. Porém, segundo afirma Olavo de Carvalho, Santo Tomás de Aquino, em sua obra "*Comentários às Segundas Analíticas*" (I, 1.1, n. 1-6), já demonstrava ter consciência de que o pensamento do filósofo estagirita formava um sistema único, expresso em quatro graus da ciência lógica (ou ciência do discurso), estruturados hierarquicamente (2006, p. 25). A diferença entre a interpretação de Santo Tomás e as tipologias mais recentes do discurso aristotélico, segue dizendo Carvalho, está no fato de que, para o grande Doutor Angélico, as ciências aristotélicas obedecem a uma hierarquia, passando da ciência que oferece o conhecimento mais certo (analítica) para a ciência que oferece o conhecimento menos certo (poética), tese negada por Weil e Dumont (2006, p. 26).

próxima do conceito moderno do termo. O cardeal Nicolau de Cusa, conforme afirma Ferreira dos Santos, propôs uma escala dos degraus do conhecimento humano, que nos diz, em resumo, que: os sentidos captam apenas imagens indeterminadas e sem significação; que a razão humana opera distinguindo essas imagens, separando-as por nomes; que a inteligência humana propõe uma espécie de síntese entre os conceitos contrários, que foram separados pela razão humana (1959, p. 103). Como a razão humana é imperfeita, ela torna-se incapaz de fornecer ao homem um conhecimento certo acerca das realidades metafísicas por meio dos conceitos, sendo a consciência deste limite da razão o que o filósofo neo-platônico denomina *docta ignorantia*¹³ (REALE e ANTISERI, 1990b, p. 63). Em Deus, como não há imperfeição, não há esta separação formal dos entes realizada pela razão humana, pelo contrário, em Deus todos os opostos se conciliam, na síntese da realidade, que o filósofo renascentista denomina como *coincidentia oppositorum*¹⁴ (SANTOS, 1959, p. 104). Deste modo, como afirma Mário Ferreira dos Santos, com Nicolau de Cusa, surge a noção de alteridade dos momentos da tríade dialética Tese-Antítese-Síntese, que influenciará a dialética marxista, com a diferença que, para o cardeal renascentista, a unidade divina precede a alteridade (1959, p. 104-106).

3.5 DE KANT A HEGEL: A DESCOBERTA DO EU TRANSCENDENTAL E A DIALÉTICA COMO O MODO DO SER

Com o advento da modernidade e do avanço do método científico analítico-sintético, a dialética caiu em relativo desuso e reapareceu somente em Kant (1724-1804), mas como uma volta à concepção pejorativa do termo, entendido como lógica das aparências, ou seja, como a arte de dar ao raciocínio sofista a aparência de verdade, visto que para o filósofo prussiano, os dados recebidos pela sensibilidade, que fundamentam a sofística dialética, fornecem apenas abstrações confusas e enganosas sobre a realidade (REALE e ANTISERI, 1990b, p. 895). A importância de

¹³ Para Nicolau de Cusa, a única forma de o homem conhecer as altas esferas da realidade é através da intuição direta do Ser, que se dá de forma mística através da simbólica (SANTOS, 1959, p.104).

¹⁴ A ideia de uma união dos contrários em Deus fez com que Cusa fosse acusado de panteísmo. O cardeal agostiniano, por sua vez, refuta a acusação através da obra *Apologia de docta ignorantia* (FRANCA, 1987, p. 127).

Kant para o desenvolvimento da dialética está, contudo, no giro epistemológico de sua filosofia, dada pela primazia do Eu transcendental no ato do conhecimento, que se tornou a base do idealismo alemão (FRANCA, 1987, p. 182). Dos primeiros idealistas, aqueles que mais contribuíram para a história da dialética foram, sem dúvida, Fichte (1762-1814) e Schelling (1775-1854).

Fichte, influenciado pela noção da primazia epistemológica do Eu transcendental, dá-nos a primeira noção do Eu como única fonte do real, radicalmente idealista-subjetivo, que postula a si mesmo pela simples força do postular-se (Tese) e que, afirmando-se, nega aquilo que é Não-Eu (Antítese), ou seja, a contradição do Eu (SANTOS, 1959, p. 108). A síntese deste conflito, para Fichte, se resolve quando o Eu aceita que o Não-Eu está contido em si, o que anula o primeiro momento do Eu. Friedrich Schelling, por sua vez, propõe uma nova concepção de Ideia, entendida não como pessoa, tal como propunham os idealistas subjetivistas, mas como unidade transcendental e fundamento imutável da natureza (REALE e ANTISERI, 1991, p. 73). Conseqüentemente, o grande filósofo alemão expõe uma nova concepção da dialética idealista: o mundo é uma unidade cujos elementos contrários tendem a este Uno e que por meio do conflito destes contrários, surge o mundo como grande sistema (ideia), estruturado em bases transcendentais (SANTOS, 1959, p. 109). Os pensamentos destes três filósofos, Kant, Fichte e Schelling, fundamentaram a inovadora filosofia de Hegel, filósofo que elevou a dialética a seu momento mais alto na história da filosofia moderna.

Na modernidade, a dialética atinge seu ápice com o pensamento de Hegel (1770-1831), que influenciou toda a contemporaneidade e, principalmente, o pensamento dialético de Karl Marx e Friedrich Engels. Como afirma Mário Ferreira dos Santos, o filósofo alemão define a dialética como “a própria natureza das determinações do entendimento, das coisas e, de uma maneira geral, de todo o finito” (SANTOS *apud* Hegel, 1959, p. 110), ou seja, para Hegel, a dialética é a estrutura do próprio Ser. Para Hegel, o Ser é uma realidade concreta, não entendida estaticamente como substância, mas sim como Sujeito (“Ideia”, “Pensamento”, “Espírito”)¹⁵ e fora do Ser não há outra forma de realidade (HEGEL, 1999, p. 29-

¹⁵ Embora Hegel devesse sua noção de Eu e Sujeito aos idealistas subjetivos, o Sujeito hegeliano não deve ser entendido no sentido meramente subjetivista tal como entendia Fichte, por exemplo, mas sim como objetividade, movimento e dinamicidade.

30). Deste modo, como não há realidade fora do Ser, Deus, por ser a fundamentação do real, é o Ser Supremo, a Ideia Absoluta, que é em si mesmo indeterminado¹⁶, mas que se determina ao se exteriorizar-se na Natureza e toma consciência no espírito individual e subjetivo, ou seja, no ser humano e no sujeito coletivo, ou seja, através do Estado, das instituições sociais e da família (SANTOS, 1959, p. 110). Influenciado pela descoberta kantiana do Eu transcendental, Hegel afirma que as duas ordens estruturantes do real – a Natureza e o *Logos* - realizam-se no Sujeito, que configura a realidade em uma síntese do movimento dialético, de modo que tudo o que é real, o é porque está no Sujeito e vice-versa, movimento que é expresso em sua famosa frase “tudo o que é real é racional e tudo o que é racional é real” (REALE e ANTISERI *apud* Hegel, 1991, p. 104).

Esse movimento do Sujeito que determina o real em sua totalidade, ou seja, como o Absoluto (Ideia), se dá em três momentos, que correspondem às três grandes divisões da filosofia hegeliana: a Ideia tomada em si mesma, que corresponde ao *Logos* e é estudada pela Lógica; a Ideia tomada fora de si (o ser que se determina ao exteriorizar-se), que corresponde à Natureza, que é estudada pela Filosofia da Natureza; a Ideia que retorna para si, que é estudada pela Filosofia do Espírito (REALE e ANTISERI, 1991, p.103-105). Todo esse modo dinâmico de Ser do Absoluto só é possível na filosofia hegeliana, graças à inovadora aceção do conceito de dialética dada pelo filósofo idealista. Hegel diz que a própria afirmação do Eu, ao tomar consciência de si, postula também a sua negação, aquilo que é Não-eu e da relação entre o Ser (Eu, Tese) e o Não-ser (Não-Eu, Antítese), surge a Síntese, o novo momento do Espírito que concilia os opostos em uma nova unidade e que supera o momento anterior da Tese e da Antítese, dando origem a uma nova fase do devir do processo dialético¹⁷ (SANTOS, 1959, p. 111). Como o Ser é dinâmico, a Síntese, por definição, não pode ser definitiva e ao postular-se, se torna Tese e, conseqüentemente, nega sua Antítese, o que dá a continuidade do processo dialético, na mesma forma triádica (SANTOS, 1959, p. 112). Assim, a dialética hegeliana é entendida essencialmente como movimento que se configura de forma

¹⁶ Hegel aceitava como prova da existência de Deus o argumento ontológico de Santo Anselmo em sua segunda formulação (SANTOS, 1959, p. 110).

¹⁷ A tradução do terceiro momento da dialética hegeliana para o termo “Síntese” é apenas aproximativa, pois o termo alemão empregado por Hegel é “*Aufhebung*”, termo intraduzível para a língua portuguesa e que significa superar algo, conservando o que foi superado (SANTOS, 1959, p. 112). Assim, a Síntese hegeliana não é uma negação radical da Tese e da Antítese.

rítmica e circular e que determina os processos da Natureza e da História (REALE e ANTISERI, 1991, p. 107).

Em sua exposição da dialética hegeliana, Mário Ferreira dos Santos afirma que Hegel, além de propor uma explicação dos fenômenos da natureza e da história em totalidade, interpretando-os através de uma estrutura dialética, o filósofo alemão desenvolve ainda uma importante teoria acerca da ciência destes fenômenos, que se dá também dialeticamente (1959, p. 111). Afirma ainda Ferreira dos Santos que Hegel distingue duas espécies de razão: a primeira é a razão abstrata, que versa sobre as realidades abstraídas do real, como, por exemplo, a matemática e é regida pelo princípio lógico de não-contradição, ao passo que a segunda espécie de razão é a razão concreta, que versa sobre a realidade em si mesma e não está sujeita às leis da lógica, mas sim às leis da confrontação dialética dos opostos que, partindo da análise dos elementos contraditórios de um determinado fenômeno, pode-se chegar ao conhecimento concreto do fenômeno em estudo (1959, p. 111). Assim, Hegel procura demonstrar como a natureza possui contradições intrínsecas e como estas contradições podem ser sintetizadas e expressas por meio das leis da razão (1959, p. 111)¹⁸.

Além da Natureza e do *Logos*, o Espírito Subjetivo, representado pelo ser humano tomado individualmente, e o Espírito Concreto, que se apresenta na História, estrutura-se também de modo de modo dialético, onde grande síntese da História é o Estado, enquanto a síntese do indivíduo é a Razão que toma consciência de si como Espírito (REALE e ANTISERI, 1991, p. 114-151). Para Hegel, o Estado, por mais defeituoso que seja, é a manifestação da Ideia no mundo, é “o ingresso de Deus no mundo”, como afirma o filósofo alemão (REALE e ANTISERI *apud* HEGEL, 1991, p. 151). O Estado é, portanto, a Razão que se exterioriza no mundo, sendo a História, o desdobramento desta Razão, ou seja, a História é a dialética dos Estados que segue em progressiva marcha (ARANTES, 1980, p. 20). Em Marx, esta grande confiança na atividade estatal herdada de Hegel, tornou-se o pilar de sua teoria sociológica e do processo de implantação do socialismo. Além da dialética da história, a relação dialética do Sujeito individual e sua contradição, é também outro

¹⁸ A decialética de Mário Ferreira dos Santos, apesar de ser um projeto de continuidade da dialética aristotélico-escolástica, herda parte deste método científico de Hegel, ao analisar e definir um fenômeno à partir do seu conjunto de relações e contradições em relação a si e ao mundo circundante.

ponto importante e que influenciou o pensamento marxista. Segundo Hegel, o Eu só pode ser considerado Pessoa quando toma autoconsciência, tornando-se Senhor de si, ao contrário do Servo, que por medo, não se autoconscientiza e aceitando a condição de escravidão, torna-se objeto para aquele que é senhor (REALE e ANTISERI, 1991, p. 118). A relação senhor-servo é o tema central do desenrolar dialético da história, na obra de Karl Marx, que o presente trabalho apresentará no próximo tópico.

Embora não tenha sido possível abordar todos os detalhes acerca do desenvolvimento histórico da dialética, dada a extensão do assunto, o presente trabalho expôs, essencialmente, o referido termo em suas várias acepções: como arte sofisticada, como método filosófico de conhecimento da verdade e método de verificação científica, como modo do ser da natureza e como configuração da realidade em sua totalidade, de Zenão à Hegel. Foi também demonstrada importância da dialética na obra de cada filósofo ao longo das épocas históricas, restando agora explicar o que é a dialética materialista da filosofia marxista e qual o lugar ela ocupa no desenvolvimento histórico do termo para, por fim, analisar a proposta marxista pelo método aristotélico-escolástico, proposto por Ferreira dos Santos. Trabalho que será realizado no tópico que se segue¹⁹.

3.6 O MATERIALISMO DIALÉTICO DE KARL MARX

O segundo capítulo deste trabalho ocupou-se de expor a importância da dialética no pensamento de Karl Marx, apresentando-a como estrutura de todo o sistema marxista. Será abordada agora, a dialética materialista em si mesma, seu lugar na história da dialética e sua estrutura teórica. No próximo capítulo, dar-se-á a crítica do materialismo dialético, analisando-o dialeticamente- dialética no sentido tomado por Mário Ferreira dos Santos, como método de chegar à verdade, subordinado à lógica, que analisa a estrutura eidética do conceito em questão, bem como suas implicações no mundo que circunda o tema em estudo – para que, por

¹⁹ Dada a extensão e complexidade do assunto, não foi possível, por exemplo, fazer uma explicação detalhada sobre as distinções entre Ideia, Espírito e Absoluto na filosofia hegeliana, que tornaria mais clara a noção de dialética no sistema de Hegel. Por outro lado, tal explanação tomaria grande parte da pesquisa, arriscando perder-se em explicações que não compõem a pergunta-problema que rege a presente monografia. Assim, o trabalho em questão se ocupou de fazer apenas uma breve demonstração da ação dialética das principais áreas do pensamento hegeliano.

fim, se possa chegar à resposta da pergunta que rege esta monografia: se o materialismo dialético é possível ou impossível enquanto proposta filosófica.

A maioria dos escritos filosóficos de Karl Marx (1818-1883) remontam à sua juventude, fase em que a esquerda hegeliana exerceu grande influência em sua obra. Marx, em sua maturidade, pouco escreveu sobre filosofia, deixando apenas um fragmento do que seria a introdução à obra "*Crítica à economia política*", publicado pela primeira vez em 1907, por Kautsky, obra em que o fundador da filosofia da *práxis* expõe a dialética materialista como estrutura do processo econômico ao longo da história (LUKÁCS, s/d, p. 35). Da primeira fase de Karl Marx, que vai até aproximadamente 1845, ano de seu rompimento com a esquerda hegeliana, pode-se citar como um de seus principais escritos filosóficos a "*Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*", dedicado à revisão do conceito hegeliano de Estado (JINKINGS e BACKES, 2010, p. 7). Embora a ideia de dialética apareça em suas principais obras, como o "*Manifesto do Partido Comunista*", "*O Capital*", "*A ideologia alemã*" e "*Miséria da filosofia*", Marx não deixou uma teoria dialética propriamente dita.

Como Marx não deixou nenhum escrito que fundamentasse a sua visão dialética de mundo, este trabalho ficou a cargo de Friedrich Engels (1820-1895), que procurou dar bases teóricas sólidas à dialética materialista em sua obra "*A dialética da natureza*" propondo uma dialética estruturada em três leis: a lei da passagem da quantidade para qualidade; leis da unidade (ou inseparabilidade) dos opostos; lei da negação da negação, que dá origem do movimento e do desenvolvimento histórico, defendendo a tese de que as leis da dialética são comprovadas pela ciência, rechaçando o conceito dogmático e mecanicista de materialismo (REALE e ANTISERI, 1990, p. 204). Assim, a dialética materialista (o "Diamat"), é uma teoria tanto de Marx quanto de Engels.

A dialética marxista é de inspiração hegeliana, conservando do pensamento do filósofo idealista a tríade Tese-Antítese-Síntese e a noção de dialética como o modo de ser da natureza e das relações humanas. Porém, o movimento dialético marxista não tem na Ideia seu ponto de partida, mas sim no materialismo, tomado radicalmente como única realidade existente (DAUJAT, 1962, p. 43). Segundo Engels, o hegelianismo estava ainda ligado a uma tradição filosófica de busca por um sistema metafísico que pretendesse dar o fundamento transcendente do mundo,

sendo Feuerbach o filósofo que rompe de vez com esta tradição ao afirmar o materialismo como única forma de existência do real (MARX e ENGELS, 1974, p. 36). A matéria para Marx e Engels, contudo, não é tomada na acepção mecanicista e estática do termo, tal como entendia Feuerbach, mas sim como toda realidade passível de movimento, essência de todas as mudanças que se dão no mundo (REALE e ANTISERI, 1991, p. 176). A matéria é tudo aquilo que se move e o movimento, afirma Engels, é o único modo de ser da matéria; tudo o que é dinâmico, é matéria e tudo o que é estático, é mera abstração, sem valor real (SANTOS, 1959, p. 150).

Tomada em sua dinamicidade, a matéria é para o marxismo, a única realidade existente; dos fenômenos da natureza ao pensamento, tudo é matéria, tudo é ação²⁰ (MARX e ENGELS, 1974, p. 7). O modo de ser deste movimento da matéria e, conseqüentemente, de toda a realidade, é a dialética, sendo por isso chamado Materialismo Dialético a teoria marxista que visa a explicar a realidade em si mesma, dos princípios da natureza à *práxis* humana (CHEVALLIER, 1986, p. 289). O materialismo marxista é, assim, a oposição radical ao idealismo, podendo considerar Marx um filósofo anti-idealista e anti-metafísico, fundamentando seu pensamento sempre a partir do pressuposto de que tudo o que existe no mundo reduz-se à matéria. Como a matéria é a única realidade, ela torna-se o grande motor da história, campo onde se dão as relações materiais dialéticas entre os fatores sociais e ideológicos, que cria o materialismo histórico, base das análises históricas e sociológicas do marxismo (RÖD, 1984, p. 223). Explicado o que é o materialismo e tendo em vista que o modo de ser da matéria é o devir que se processa de modo dialético, segue-se a explicação do que é a dialética para Marx e Engels.

Como já foi dito, Marx rejeita a teoria idealista de Hegel e partindo de um materialismo radical, conserva da dialética hegeliana apenas a tríade Tese-Antítese-Síntese, entendida como forma de ser da realidade como um todo, da natureza à história (CHEVALLIER, 1986, p. 288). Segundo Marx, a grande realidade da história humana é o conflito dialético que se dá por meio da luta de classes, estruturada pela relação Senhor-Escravo, que toma formas diversas formas ao longo do processo histórico: Senhor-Escravo, Patrício-Plebeu, Senhor-Servo, Patrão-Proletário (MARX e ENGELS, 2004, p. 23). Esta dialética Senhor-Escravo, embora seja herdada de

²⁰ Toda a realidade para Marx se reduz ao movimento (MARX e ENGELS, 1974, p. 7).

Hegel, não deve ser entendida tal como pretendia o filósofo idealista, onde o Eu individual ao tomar consciência de si, supera aquele que não a toma, mas sim como duas classes sociais contraditórias que, autoconscientes, lutam entre si e esta luta configura o sentido da história humana. Este momento da história, dada sua configuração dialética, tende a ser superada pela classe trabalhadora que, ao voltar-se contra a classe opressora, lhe tomará o poder, dando início a uma nova fase do processo histórico, a sociedade sem classes (MARX e ENGELS, 1985, p. 160). Para Marx e Engels, a história configura-se deste modo porque está estruturada de forma dialética por classes contraditórias em uma relação de opressão, onde o senhor é sempre a Tese, a afirmação e o proletário, é a antítese, a contradição do patrão e como são classes antagônicas, a superação deste momento se dará através de uma revolução absoluta da antítese contra a tese, em uma guerra corporal que dará início a Síntese, ou seja, o estado socialista²¹ (1985, p. 160).

Ao longo da história, a luta de classes conheceu momentos diversos, representados por diversas classes sociais. Essa mudança ao longo da história é determinada pelos fatores econômicos, que ao mudarem os meios de produção, mudam a estrutura da sociedade. Diz Marx que uma sociedade com moinho de vento gerou o suserano, uma sociedade com moinho a vapor gera o capitalismo industrial (MARX e ENGELS, 1998, p. 105). A luta de classes é, acima de tudo, um movimento político que se configura pela classe oprimida organizada que se levanta contra o opressor, detentor dos meios de produção (MARX e ENGELS, 2004, p. 41). Deste modo, essas relações materiais do indivíduo com os meios de produção e com as classes sociais desenrolam-se na estrutura do Estado (MARX, 1996, p. 51-52). Assim, para que o levante da antítese oprimida vença a tese opressora, é necessário que o processo revolucionário se dê no seio do Estado, através da estatização dos meios de produção (MARX e ENGELS, 2004, p. 50-52).

A estrutura do Estado é o conjunto das relações materiais da sociedade civil, dialeticamente estruturada na relação entre a produção social e a produção da consciência, onde os produtos do trabalho social criam a base (estrutura) do estado, que é a economia, e da relação dos produtos da consciência humana, surgem as

²¹ Para Marx, a ditadura do proletariado é justificável como fase imprescindível da abolição das classes visto que apenas a classe laboriosa possui uma visão objetiva da história, sem a influência dos interesses capitalistas que corrói o meio opressor.

ideologias²², cujo conjunto forma a superestrutura, que é a expressão da consciência social (MARX, 1996, p. 51-52). Por ser a produção material a base não só do Estado, mas de toda a vida social, como afirma Marx, não é a consciência individual que determina o agir social, mas o agir social que determina a consciência individual (1996, p. 52). Deste modo, o ser humano é entendido, no marxismo, essencialmente como ser coletivo, que se realiza e ganha sentido unicamente no meio social, cuja *práxis* materialista determina seu ser.

O indivíduo, para Marx, é igualmente fruto do processo dialético materialista. Para a dialética marxista, o ser (tese), só existe em relação àquilo que é sua contradição (antítese), ou seja, nenhum ser é tomado individualmente e em si mesmo, mas sempre em relação a sua fase no processo dialético da história ou da natureza (RÖD, 1984, p. 220). Um fenômeno qualquer da natureza, como a árvore, por exemplo, tomado isoladamente não existe em função do seu ser, mas em relação ao conjunto de suas contradições, como, a semente, a terra e a água que, relacionando-se com a árvore, condiciona sua existência no mundo (SANTOS, 1959, p. 157). O mesmo se dá com o indivíduo humano. O homem, tomado em sua individualidade e subjetividade, não possui existência: visto que sujeito, para Marx é objeto sensorial, sua existência só é real em relação àquilo que ele produz, ou seja, sua contradição²³, que são os objetos por ele criados (RÖD, 1984, p. 220). Considerando que o objeto também só possui existência em relação ao homem, afirma Röd, que do conflito entre ambos, tese e antítese, surge a síntese, o trabalho, que é a verdadeira essência do homem (1984, p. 219). O trabalho é, pois, a síntese dos conflitos materiais, exteriorizada na relação sujeito-objeto e assim, o homem só existe em relação a esse trabalho²⁴ (DAUJAT, 1962, p. 49).

Resumindo tudo o que foi dito acima acerca da filosofia marxista, o Materialismo Dialético é o modo com que Karl Marx e Friedrich Engels interpretaram a realidade em absolutamente todos os seus aspectos, como um processo

²² Marx não discrimina o uso do termo "ideologia", entendendo-o tanto como a representação de ideias basilares da superestrutura, quanto o conjunto de falsas abstrações a respeito da história feitas por um indivíduo (RÖD, 1984, p.224).

²³ Tese herdada da dialética hegeliana e fichteana: o Eu (tese), ao postular-se, postula aquilo que é também é Não-Eu (antítese).

²⁴ Entendendo o trabalho como relação das ações materiais, a ação revolucionária da classe oprimida contra a classe opressora pode ser igualmente entendida como trabalho, tornando-se a revolução também a unidade de medida do homem tomado em sua individualidade (DAUJAT, 1962, p. 48).

ininterrupto do devir, onde uma Tese, ao ser negada pela sua Antítese, cria a Síntese que, por sua vez, será negada por uma nova Antítese, dando início a um novo momento da história, sucessivamente. O sentido da história humana se desenrola através da luta das classes, condicionada pelos meios de produção que divide a sociedade em uma relação Senhor - Escravo, onde o Senhor é a Tese e o Escravo, (empregado, servo) sua Antítese. Inevitavelmente, a antítese negará a sua tese e, ao negá-la, dará início a um novo momento da história, a estatização dos meios de produção pela classe oprimida por meio da ditadura do proletariado (socialismo), que é a fase de transição para a grande síntese em que a história encontra seu termo: o comunismo, ou seja, a abolição de todas as classes sociais. Como a luta de classes é uma luta acima de tudo política e como o sujeito tomado individualmente é mera abstração, é necessário que os homens organizem-se em movimentos sociais para que haja o levante contra o opressor, deste movimento coletivo surge o representante dos interesses da classe laboriosa: o Partido²⁵.

Ademais, o materialismo dialético ao apresentar-se na obra de Marx e Engels como o modo de interpretação do real, rejeita radicalmente qualquer interpretação Metafísica e Idealista de realidade (SANTOS, 1959, p. 149). O real, para Marx, não se dá através do ser, mas através do devir e da mutabilidade eterna da matéria: o movimento é o motor da realidade. O ser, tomado tanto como substância quanto como sujeito, para Marx, é mera abstração fixa de uma realidade que está em constante movimento, uma ideologia sem valor prático. Enquanto, para a filosofia metafísica, a verdade está no ser presente na substância de cada ente em particular e para a filosofia idealista a verdade está no Espírito que sintetiza o real, para a filosofia marxista a verdade é a movimento da matéria, é o estado atual do processo dialético, que naturalmente será negado, opondo-se dessa forma a qualquer verdade que se apresente como absoluta e perene (CHEVALLIER, 1986 p.289). É este o ponto essencial do Dialecte: a dialética no marxismo é o método filosófico que reivindica para si o lugar ocupado pela metafísica, de ciência do real em si mesmo e de suas determinações (CHEVALLIER, p. 289). Desse modo, a

²⁵ O Partido, representante da classe trabalhadora, desempenhou papel imprescindível na atividade militante de Vladimir Iliitch Lênin, o líder da Revolução Soviética. Lênin, ao perceber que a casta servidora por si só jamais se organizaria em um levante contra o Estado burguês, estruturou toda a luta de classes no seio do Partido, entendido assim como entidade detentora não apenas dos interesses do trabalhador, mas do movimento revolucionário em si, tornando-o como o ponto de referência de toda a revolução socialista.

práxis marxista se realiza não em função dos seus elementos isolados, como a economia, os movimentos sociais ou a luta das classes, mas sim em função da estrutura que abarca todos esses elementos, que é o materialismo dialético.

Logo, se o comunismo, tal como é entendido por Marx, for de fato uma possibilidade filosófica e histórica, o será pela possibilidade filosófica da dialética materialista e, vice-versa, se a dialética materialista não for uma possibilidade filosófica, também não o será o comunismo. O presente trabalho fará, no próximo capítulo, uma análise dialética (no sentido aristotélico-escolástico adotado por Ferreira dos Santos) do materialismo dialético, visando responder à pergunta-problema desta monografia: é, de fato, o materialismo dialético uma possibilidade filosófica?

CAPÍTULO 4

4.1 LINHAS GERAIS DO CAPÍTULO: JUSTIFICAÇÃO DA ANÁLISE DIALÉTICA

No capítulo anterior foi apresentada uma breve história do desenvolvimento do conceito de dialética e como este conceito recebeu várias acepções ao longo dos tempos, podendo ser entendido como refutação sofística, como método de conhecimento filosófico e científico e como estrutura do real. Assim se procedeu para que fosse possível uma contextualização mais ampla deste conceito, estabelecendo suas raízes históricas, evitando uma abordagem viciosa do tema. Pode-se notar como os conceitos fundamentais da dialética da filosofia clássica continuam presentes na filosofia medieval e moderna: a concepção dialética de Heráclito reaparece em Hegel e Marx, a concepção de Aristóteles reaparece entre os escolásticos e a concepção sofística reaparece na crítica de Kant. Sendo assim, a dialética está inserida em uma longa tradição filosófica, o que justifica a crítica ao materialismo dialético que se segue estar consoante com aquela que é a mais importante linha desta tradição: a dialética aristotélica, que atingiu seu termo na filosofia escolástica e reaparece nas contribuições originais da dialética ontológica de Mário Ferreira dos Santos. Não é, portanto, o escopo deste trabalho comparar a dialética da tradição aristotélica com o materialismo dialético do marxismo, visto que

são realidades equívocas, mas sim esclarecer a dialética materialista à luz do método lógico-dialético de Mário Ferreira dos Santos, que está inserido na tradição aristotélica.

É importante ressaltar também que embora a decialética seja uma análise acerca do ente disposta em dez campos, não é necessário que se faça uma abordagem de cada um desses tópicos de estudo isoladamente, pois a investigação dialética varia de acordo com o objeto de estudo. Além do mais, uma análise sistêmica do marxismo exposta em todos dez campos da decialética já foi realizada pelo próprio filósofo paulista em sua obra "*Análise dialética do marxismo*", o que torna dispensável este exercício no presente texto. Este trabalho se ocupará apenas de analisar cada um dos tópicos essenciais do materialismo dialético tendo como ponto de observação, a dialética ontológica de Ferreira dos Santos, inserida na tradição aristotélico-escolástica.

4.2 ANÁLISE DO MATERIALISMO DIALÉTICO SEGUNDO MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

Primeiramente, para o marxismo, a chave de todo movimento dialético que se desenrola na história está no conflito entre as classes sociais (DAUJAT, 1962, p. 49). Esse conflito se dá porque estas classes estruturam-se, essencialmente, em uma relação de negação, ou seja, uma relação de contradição: a dialética, diz Lênin, é o estudo das contradições presentes na própria realidade (SANTOS, 1959, p. 156). O uso do termo "contradição" para descrever a relação Senhor-Escravo, como propôs Marx é, porém, errôneo, visto que ao analisar o significado desta palavra dentro da tradição filosófica, nota-se que ela é utilizada para indicar realidades excludentes, realidades cuja relação é impossível (JOLIVET, 1969, p.88). Assim, se existe contradição entre Senhor e Escravo, não pode haver a relação Senhor-Escravo, visto que são realidades que se excluem mutuamente, o que tornaria o processo dialético impossível. Marx utilizou indiscriminadamente o termo "contradição" como sinônimo de distinção e oposição (SANTOS, 1959, p. 156). Desta forma, afirma Mário Ferreira, para que exista a dialética entre Senhor e Escravo, é necessário que haja, por definição, uma relação e esta relação não pode ser fundamenta em uma contradição, mas sim em uma contrariedade, ou seja,

realidades distintas que mesmo em dissonância, aceitem alguma forma de relação (1959, p. 162). O problema da contradição no movimento dialético marxista não é apenas um erro nominal, mas conceitual (1959, p.162-163).

Assim, substituindo o conceito de “contraditório” por “contrário”, evitam-se tais erros conceituais, como este cometido por Marx (SANTOS, 1959, p. 163). Ademais, esta contrariedade não é uma impossibilidade dialética, visto que a própria multiplicidade do ser atesta uma diferença ontológica dos entes. Nesse sentido, a contrariedade dialética pode ser entendida como transição de um estado para outro, dentro do campo daquilo que a decadalética denomina variante e invariante do ser²⁶ (SANTOS, 1959, p. 161). Pode-se objetar que a dialética padrão-empregado pode também ser entendida como oposição, mas para proceder assim, é forçoso que se tome a classe isoladamente e se classifique o que nela é variante o que é invariante, o que para o marxismo, é uma abstração ideológica sem nenhum valor real. Além do mais, a luta de classes carrega uma tensão intrínseca: para que haja a dialética padrão-empregado, é imprescindível a relação entre ambos, de modo que uma classe só existe em função da outra. O proletário, para existir, deve sempre afirmar o padrão e o padrão, para existir, deve sempre afirmar o proletário, pois o fim da relação significa o fim de ambas as classes. O proletário que deixa de afirmar o padrão, deixa de afirmar a si mesmo. Assim, a contradição, entendida como negação, não estrutura a dialética materialista, ao contrário: impossibilita-a.

O segundo ponto a ser tratado se refere à natureza da matéria: a mudança. A dialética materialista opõe-se radicalmente à metafísica, sobrepondo o devir ao ser (CHEVALLIER, 1986 p. 289). Partindo do ponto de que o devir é a única realidade e que o ser é apenas uma abstração ideológica, tem-se o seguinte problema: se o ente não possui ser, não há elemento que determine com segurança a passagem de um movimento para outro, se esta passagem corresponde à uma evolução ou retrocesso da história e se de fato mudou-se a matéria ou as percepções sociais acerca da matéria. Afinal, não havendo ser que afirme um ente, não haverá forma de dizer o que este ente é ou não é, sendo impossível determinar sua

²⁶ Na decadalética, os elementos variantes e invariantes de um ente são conhecidos mediante a análise de um outro campo de investigação, o campo da intensidade e extensidade. A intensidade diz respeito aos atributos eidéticos do ente e a extensidade, aos atributos ônticos. Assim, a oposição entre dois entes se dá por meio da diferença eidética. No caso das contrariedades do próprio ente, estas se dão em sua estrutura ôntica (ex: a oposição entre corpo de uma pessoa quando criança e o da mesma pessoa já adulta). De qualquer modo, não há uma negação, mas uma oposição nessas relações.

transitoriedade. Pode-se objetar que para o marxismo toda realidade só existe em relação à sua negação, sendo a antítese o ponto de referência da tese e a tese, ponto de referência da antítese. Porém, tal argumento apenas desloca o problema sem dar-lhe a devida solução, afinal, se não existe ser, a verdade é apenas a fase em que se encontra a revolução no processo dialético e o que existe é apenas o devir das relações contraditórias (sic) (DAUJAT, 1962, p. 44), não há nenhum critério de certeza que se possa usar para afirmar que determinada tese é de fato tese e determinada antítese é de fato antítese no momento em que ambas foram assim entendidas na fase do desenvolvimento histórico.

Assim, o único ponto de referência que a dialética materialista possui como critério para distinguir a Tese da Antítese é a Síntese, o comunismo, que ainda não é realidade, materialmente falando. É, pois, no Partido, entendido como representante da vontade da classe oprimida, que a ideologia da síntese comunista (afinal, se ainda não é real, é ideológico), se materializa. O partido torna-se, na marcha revolucionária rumo ao comunismo, o critério de julgamento da *práxis* marxista; a verdade é assim, a necessidade do Partido- condutor da vontade do povo- em relação à fase do processo histórico em que se encontra (COUTINHO e KONDER, 1978, p. 6). Analisando o Partido desde o campo sujeito x objeto da dialética, pode-se concluir que o referido fenômeno, tomado como sujeito (em si mesmo), torna-se, no processo revolucionário, ditador da vontade popular, e tomado como objeto, torna-se o único ponto de referência da ação da classe oprimida (composta não por sujeitos, mas por objetos sensoriais), originando assim o caráter totalitarista dos estados socialistas e contradizendo o ideal de liberdade da sociedade sem classes.

Ademais, a crítica feita pelos marxistas à metafísica, afirma Mário Ferreira dos Santos, é improcedente. Ferreira dos Santos afirma que os marxistas entendem o Idealismo e a Metafísica como realidades idênticas: ideologias que tomam o Ser como uma abstração deslocada da realidade, em uma espécie de acumulação indiscriminada de objetos (1959, p. 150-153). Afirma o pensador marxista Alexandre Cheptulin, que a metafísica aristotélica, no entender marxista, parte de uma separação real entre forma e matéria, que desembocou no idealismo subjetivo (1982, p. 265-266). Não procede assim a metafísica e nem o idealismo. O idealismo, e aqui o presente trabalho refere-se ao o idealismo objetivo de Hegel, não toma nenhuma

ideia distinta da natureza ou da razão, mas sim como uma relação entre ambos que se sintetiza no sujeito e exterioriza-se no mundo, como já foi afirmado no capítulo anterior. Assim, no idealismo objetivo, não há ideia separada da realidade e não há realidade separada da ideia (SANTOS, 1959, p.150). Quanto à metafísica, a acusação dos marxistas torna-se ainda mais infundada, pois ela não é uma ciência do que é abstraído do real, mas daquilo que fundamenta a realidade e está presente nos entes em sua particularidade, universalidade, dinamicidade e estaticidade (JOLIVET, 1965, p. 26). A crítica marxista à metafísica procede apenas em relação a casos particulares, de filósofos menores que cometeram abusos teóricos, mas, levando em consideração a ciência do ser enquanto ser em seu sentido eminente, como está nas obras de Aristóteles e dos escolásticos, a fundamentação da dialética marxista como configuração do real parte não de uma justificativa válida, mas da falsificação do pensamento metafísico (1964, p. 46).

Marx afirma que o desenvolvimento dos meios de produção determina a existência das classes sociais ao longo da história (MARX e ENGELS, 1985, p. 159). Se por um lado, as condições econômicas determinam as classes sociais, por outro, as condições econômicas são também fruto das relações materiais do processo dialético, o que gera um ciclo vicioso, onde o homem cria as condições materiais e as condições materiais criam o homem. Respondendo a esta aporia, Engels explica que a dialética segue um curso evolutivo, passando da natureza à história. Esta passagem se dá porque, para Engels, o homem evoluiu de sua natureza primata à natureza social por meio do trabalho (ENGELS, 1991, p. 104), que é, como já foi dito, a essência do homem. Esta posição marxista nos leva a outra aporia: o marxismo, ao negar toda e qualquer realidade transcendente, transfere para a matéria os atributos transcendentais da metafísica, dando a ela o poder infinito de criação de todas as coisas que existem e existirão (SANTOS, 1964, p. 48).

Analisados os aspectos particulares do materialismo dialético, segue-se agora uma análise do processo dialético tomado em sua totalidade. Em resumo, a revolução marxista estrutura-se do seguinte modo: as condições econômicas determinam a existência das classes sociais; estas classes dividem-se entre opressor e oprimido, sendo assim, contraditórias e se negam mutuamente; o opressor, por ser o detentor dos meios de produção é a Tese, a afirmação; o oprimido, por ser a classe sofredora, é a negação da Tese, ou seja, a antítese; o

oprimido se revoltará contra o opressor e unindo-se, pegará em armas e fará a revolução contra o opressor; como esta luta se dá no seio do Estado, o oprimido ao vencer o opressor tomará para si os meios de produção do Estado, inaugurando a ditadura do proletariado; a ditadura do proletariado será a fase de transição do surgimento da Síntese desta luta, o comunismo, que é a abolição de todas as classes e onde a história encontrará seu termo. Segue-se a análise deste processo.

Afirma Mário Ferreira dos Santos que se as classes surgem do desenvolvimento dos meios de produção, a antítese, representada pelo Partido, ao derrubar a tese e dar início à ditadura do proletariado deve necessariamente abandonar a condição de proletário e tornar-se membro da casta administrativa do Estado (1953, p. 57). Dessa forma, segue dizendo Mário Ferreira, a casta dirigente se tornará parasitária dos meios de produção do proletariado, sobrevivendo do trabalho, dos impostos e de todas as formas de contribuição da classe oprimida, gerando assim uma nova luta de classes, cuja antítese, ao instaurar-se na administração do estado, se tornará outra casta que sobreviverá do fruto do trabalho da classe oprimida (1953, p. 57). Assim, a antítese, ao vencer a tese, se tornará ela mesma a nova tese, que será negada por uma nova antítese. Essa nova antítese ao voltar-se contra a tese, passará à condição de tese, assim sucessivamente, transformando todo o movimento revolucionário em uma antítese eterna de tudo o que se apresentar como negação da classe proletária. Visto que o partido é quem dita o movimento revolucionário, se tornará ele, ao chegar ao poder, inevitavelmente totalitarista, transformando a relação do oprimido com o opressor ainda mais violenta, dando origem a revoluções sempre mais cruentas que as revoluções anteriores.

Conclui-se assim que se ao longo do desenvolvimento histórico o marxismo jamais transgrediu a transição da fase socialista para a fase comunista, isso se dá não pelo fato de que houve necessariamente deturpações da teoria marxista, mas sim, que a estrutura mesma da dialética materialista, onde se desenrola a luta de classes, impossibilita esta transição.

CONCLUSÃO

O presente trabalho não pretendeu dar uma solução definitiva para a problemática dialética do marxismo, tão pouco esgotar todas as possibilidades da análise lógico-dialética sobre o tema. Afinal, como a dialética é um conceito que tem perpassado a história da filosofia, é natural que surjam novas concepções deste termo e atualizações das concepções clássicas. Além do mais, os próprios teóricos marxistas procuram dar ao materialismo dialético novas interpretações, com a finalidade de corrigir estas aporias que foram apresentadas e tantas outras que não foram citadas neste trabalho. Adorno é um grande exemplo de teórico marxista que propõe nova teoria acerca da dialética marxista. Gramsci, outro importante teórico marxista também procurou dar à luta de classes uma nova roupagem humanista, basendo a revolução na relação estrutura-superestrutura. Também é válido ressaltar que a teoria dialética de Adorno em muito deve à concepção nietzscheana do termo, que entendia a dialética como uma relação antinomista, ou seja, uma relação insolúvel do dualismo da existência. Em suma, várias são as correntes dialéticas que este trabalho não abordou, preferindo uma análise focada apenas na obra de Marx e Engels.

Preferiu-se uma abordagem focada apenas na obra de Marx e Engels visto que, como dito no início do trabalho, a ação marxista ortodoxa ainda encontra vozes em nosso país e em nosso continente, vozes de grande influência na política, nas artes, na atividade intelectual, nas instituições de ensino e em todos os meios sociais imagináveis. Sendo assim, uma melhor compreensão do marxismo significa uma compreensão do quadro atual do Brasil e da América Latina. E assim foi. Pode-se notar, por exemplo, que a aporia da antítese eterna de uma classe oprimida que, ao chegar ao poder, torna-se opressora, dando origem a uma nova classe oprimida e, conseqüentemente, a uma nova revolução, expressa exatamente a política atual do governo venezuelano. Como se sabe, a maior zona de conflitos políticos na Venezuela, hoje, não é da Direita ou do movimento Conservador contra o governo de Nicolás Maduro, mas sim, de um levante organizado pela própria esquerda

chavista, descontente com a atual classe dirigente. No Brasil, os movimentos sociais da esquerda oriundos do seio do próprio Partido dos Trabalhadores orquestram violentos protestos contra o atual governo, que subiu ao poder carregando a bandeira da causa proletária. Fora da América Latina, são inúmeros os exemplos que se podem citar sobre esta aporia do movimento revolucionário. A Revolução de 1917 é um exemplo clássico: os bolcheviques, como se sabe, levantaram-se em guerra não contra o czarismo, mas contra o movimento revolucionário menchevique.

Em suma, o que se pretendeu nesta breve apresentação não foi abordar em totalidade o problema da dialética em seu desenvolvimento histórico e conceitual, mas sim, demonstrar que o marxismo, que tanto influencia o meio social em que estamos inseridos, é em si mesmo uma impossibilidade que, quando posta em ação, gera apenas mais opressão, mais totalitarismo e centena de guerras e mortes, como nos confirma a história.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARANTES, Paulo Eduardo. Vida e Obra. In: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Os Pensadores: Hegel*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 6-24

BERTI, Enrico. *As razões de Aristóteles*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BURNET, John. *A aurora da filosofia grega*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

CARVALHO, Olavo de. *A Filosofia e o seu inverso e outros estudos*. 1. ed. São Paulo: Vide Editorial, 2012.

_____. *Aristóteles em nova perspectiva: introdução à teoria dos quatro discursos*. São Paulo: É Realizações, 2006.

_____. Introdução. In: SANTOS, Mário Ferreira dos. *Enciclopédia das ciências filosóficas III: A sabedoria das leis eternas*. 1. Ed. São Paulo: É Realizações, 2001. p. 12-42.

CHEPTULIN, Alexandre. *A dialética materialista: categorias e leis da dialética*. 1. ed. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1982.

CHEVALLIER, Jean-Jacques. *As grandes obras políticas: de Maquiavel a nossos dias*. 3. ed. São Paulo: Agir, 1986.

COUTINHO, Carlos Nelson. KONDER, Leandro. Nota sobre Antônio Gramsci. In: GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978. p. 1-7.

DAUJAT, Jean. *O que é o comunismo?*. 1. ed. Porto: Tavares Martins, 1962.

ENGELS, Friedrich. *A dialética da natureza*. 5. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1991.

FRANCA, Leonel. *Noções de História da Filosofia*. 23. ed. São Paulo: Agir, 1987.

GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GRAMSCI, Antônio. *Antología*. 12. ed. Madri: Siglo veintiuno, 1992.

_____. *Concepção Dialética de História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.

GORBACHEV, Mikhail. *Perestroika*. 16. ed. São Paulo: Ed. Best Seller, 1987.

HARNECKER, Martha. *Os conceitos elementais do materialismo histórico*. 1. ed. 1973.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito: Parte I*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Hegel e a dialética. In: SANTOS, Mário Ferreira dos. *Enciclopédia de ciências filosóficas e sociais II: Lógica e Dialética*. 4. ed. São Paulo: Logos, 1959. p. 110-120.

_____. A absolutização do idealismo em Hegel. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. *História da filosofia Vol III: Do Romantismo aos nossos dias*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 92-160

JAIME, Jorge. *História da filosofia no Brasil Volume 2*. São Paulo: Ed. Vozes, 1999.

JOLIVET, Régis. *Tratado de Filosofia Tomo I: Lógica e Cosmologia*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1969.

_____. *Tratado de Filosofia Tomo III: Metafísica*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1965.

JINKINGS, Ivana. BACKES, Marcelo. Nota à primeira edição. In: MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 7-10.

LADUSÃNS, Stanislavs. *Rumos da filosofia atual no Brasil em auto-retratos I Volume*. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

LUKÁCS, George. *Os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. São Paulo: Livraria e Editora Ciências Humanas, s/d.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2004.

_____. *A Miséria da Filosofia*. São Paulo: Global, 1985.

_____. *Os Pensadores: Karl Marx*. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

_____. *Textos filosóficos*. 3. ed. Porto: Editorial Presença, 1974.

PRADO JR., Caio Prado. *Dialética do conhecimento Tomo II*. 4. ed. Brasília: Ed. Brasiliense, s/d.

PLEKHÂNOV, Gueorgui. *Os princípios fundamentais do marxismo*. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. *História da Filosofia Vol. I: Filosofia pagã antiga*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *História da Filosofia Vol. I: Antiguidade e Idade Média*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1990a.

_____. *História da Filosofia Vol. II: Do Humanismo a Kant*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1990b.

_____. *História da Filosofia Vol. III: Do romantismo aos nossos dias*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1991.

RÖD, Wolfgang. *Coleção Cadernos da UNB: Filosofia dialética moderna*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984.

SANTOS, Mário Ferreira dos. *Análise dialética do marxismo*. 1. ed. São Paulo: Logos, 1953.

_____. *Enciclopédia de ciências filosóficas e sócias: Filosofia Concreta 1º tomo*. 3. ed. São Paulo: Logos, 1961.

_____. *Enciclopédia de ciências filosóficas e sociais II: Lógica e Dialética*. 4. ed. São Paulo: Logos, 1959.

_____. *Coleção Problemas Sociais: O problema Social Vol. 2*. ed. São Paulo: Logos, 1964.

_____. *Métodos Lógicos e dialéticos I Volume*. 3. ed. São Paulo: Logos, 1962.

SOUZA, Carlos Aurélio Mota de. Apresentação. In: SANTOS, Mário Ferreira dos. *Cristianismo: A religião do homem*. São Paulo: EDUSC, 2003. p. 7-21.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Raízes da modernidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.